

Percursos da pesquisa relacionada ao uso de textos do Antigo Testamento pelo Apocalipse – breve itinerário (Parte I)

Paths of research related to the use of texts from the Old Testament by the Book of Revelation – short itinerary (Part I)

MARIA CLARA DA SILVA MACHADO*

Resumo: O livro do Apocalipse tem causado, ao longo dos tempos, um certo desconforto àqueles que o investigam por recorrer a um estilo literário ímpar em todo o Novo Testamento e a um simbolismo que fizeram desta obra literária um objeto temido e magnífico. O uso que o autor do Apocalipse fez dos textos veterotestamentários levou, no último século da pesquisa, a conclusões que oscilavam entre a inexistência de uma sinalização da parte do autor neotestamentário de que um texto antigo estava sendo utilizado, passando pela ausência de citação formal, até ao livre-arbítrio do mesmo autor ao recorrer a textos antigos para melhor comunicar a teologia de sua obra. Esta liberalidade do autor do Apocalipse causou nas abordagens propostas pela pesquisa atual uma insuficiência para solucionar a questão do modo através do qual o autor sagrado recorre aos textos veterotestamentários.

Palavras-chave: Apocalipse. Textos veterotestamentários. Textos neotestamentários. Intertextualidade. Reminiscências. Referências. Adaptação e alusão.

Abstract: The book of Revelation has caused, over time, a certain discomfort to those who investigate it due to its resorting to a unique literary style throughout

* Doutora em Teologia Bíblica pela PUC do Rio de Janeiro. Coordenadora dos cursos de pós-graduação *lato sensu* em Teologia Bíblica e em Escatologia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Professora de Sagrada Escritura na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, no Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro e no Instituto Superior de Ciências Religiosas da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.
E-mail: claramachado@ibest.com.br

the New Testament and a symbolism that made this literary work a feared and magnificent object. The use, by the author of the Revelation Book, of Old Testament texts has led, in the last century of research, to conclusions which ranged from the lack of a signaling of the New Testament author that an ancient text was being used, through the absence of formal citation, to the free will of same author to resort to ancient texts to better communicate the theology of his work. This liberality of the Apocalypse author caused, in the approaches proposed by the current research, a failure to resolve the question of the manner in which the sacred author uses the Old Testament texts.

Keywords: Book of Revelation. Old Testament texts. New Testament texts. Reminiscences. References. Adaptation and allusion.

Introdução

A presença de textos veterotestamentários no Apocalipse provocou, no último século, inúmeros questionamentos e tentativas de melhor elucidar o meio utilizado pelo autor sagrado para apropriar-se do material mais antigo no novo texto.

As primeiras teses apontam para os conceitos de reminiscências, referências, ecos, midrash, adaptação e alusão. Estes métodos de utilização de antigos textos em novos textos possuem características próprias, impondo uma maior ou menor fidelidade ao contexto do texto antecedente. Isto, contudo, sem retirar do autor sagrado a liberdade no momento de empregá-los em um novo texto.

Nos últimos tempos, a tese da intertextualidade vem recebendo especial atenção por parte dos estudiosos do Novo Testamento¹. Por meio dela, percebe-se que mais do que uma simples fonte onde o novo texto obtém elementos para compor o seu texto. O texto antecedente se apresenta em processo e o novo texto poderia retomar o texto que lhe precede e estabelecer um novo alcance teológico. Este, sem dúvida, seria o grande critério para a reinterpretação de um texto: a teologia enquanto etapa da Revelação.

A perspectiva intertextual na pesquisa exegética gera, além das novas possibilidades de compreensão do modo pelo qual o autor do Apocalipse usou o Antigo Testamento, uma melhor percepção da função do leitor. A este caberia

¹ Cf. BARRETT, 1970, p. 372-411; BEALE, 1994; BRATCHER, 1962; BRAWLEY, 2002; BRUCE, 1968; DALY-DENTON, 2000; DEELEY, 1997; EFIRD (ed.), 1972; FERRELL, 1972; HANSON, 1994; KEESMAAT, 1994; LINDARS, 1976-7; MORITZ, 1996; MOYISE, 1999; MOYISE, 2001; OESCH, 1999; POPKES, 1999; PORTER, 1997; SCHUCHARD, 1992; STENDAHL, 1968; VANHOYE, 1986.

detectar a presença de um texto “sobrepuesto” a um outro texto, formando um novo texto, criando assim um colóquio entre textos.

Tal colóquio poderia ir além do âmbito da Sagrada Escritura e assumir textos que pertencem à literatura judaica.² Entretanto, nesta literatura, de forma particular, perceberíamos a autoridade do autor sobre o texto precedente, pois se serve deles, sem destes tornar-se servo. O escopo teológico assumiria, portanto, no novo texto a função de leme, direcionando, com segurança, o novo significado dado aos termos e símbolos contidos nos textos mais antigos.

No caso específico do uso da profecia de Ezequiel pelo autor do Apocalipse, algumas teses possuem ênfases diversas: modo de utilização, caráter litúrgico, democratização de textos anteriores e intertextualidade.

Diante de tão vasto campo de pesquisa, optamos por uma apresentação didática dividindo assim o itinerário da pesquisa em três momentos distintos: Apresentação dos autores que não aceitam a relação do Apocalipse com os textos veterotestamentários (1.1). Autores que aceitam as relações entre o Apocalipse e os textos veterotestamentários (1.2). Em um segundo momento, em um artigo posterior, serão analisados os textos veterotestamentários relacionados com o Apocalipse (1.3), as relações com os textos de Jeremias, Isaías e Daniel (1.3.1) e a dependência de Ezequiel (1.3.2). Em um terceiro momento trabalharemos as diversas abordagens para o tratamento da relação entre o Apocalipse e o Antigo Testamento (1.4). Seguirão, por primeiro, a linha da exegese tradicional (1.4.1) e, na sequência, a linha da intertextualidade (1.4.2). Cada momento será abordado em um artigo a ser publicado neste periódico.

Destacamos ainda que no interior das diversas seções destes artigos, os autores, preferencialmente, estarão expostos cronologicamente, a fim de facilitar a percepção da origem e do desdobramento da pesquisa em cada época.

1. A utilização do Antigo Testamento pelo livro do Apocalipse

A relação entre os textos veterotestamentários e o livro do Apocalipse foi detectada já nos primeiros séculos da Igreja por Dionísio de Alexandria (EUSEBIUS, 7.25, 1998), que a classificava como apropriação inexata, barba-

² Cf. ARCARI, 2002; BRIGGS, 1999; COLLINS, 1976; COLLINS, 1977; COLLINS, 1998; CORSANI, 1997; COURT, 2000; HURTADO, 1985; LAMBRECHT, 1979; NOBILE, 1996; SCHÜSSLER FIORENZA, 1973; ROSSO, 1981; ROWLAND, 1979; SMITH, 1994; VANNI, 2000.

rismo e solecismo. O presente artigo delimita sua pesquisa ao último século, quando a investigação científica inclinou-se para a consideração da presença dos textos veterotestamentários no neotestamentário como correta.

Uma questão, porém, se impõe: o modo como o autor neotestamentário absorveu e utilizou os textos do Antigo Testamento. Estaria ele vinculado ao contexto anterior ou o escopo teológico do novo texto exerceria uma mudança de significado para o texto antecedente? O texto antecedente seria o Texto Hebraico ou a versão grega da LXX? O autor neotestamentário teria recorrido aos dois testemunhos textuais ou apenas a um deles? A resposta não foi formulada facilmente. Após um momento, onde foi prestigiado o uso exclusivo do Texto Hebraico ou da LXX, sucedeu a tese da intenção do autor sagrado. Assim, caberia ao autor a escolha deste ou daquele texto segundo o seu escopo teológico. O autor usaria com liberdade o material disponível.

1.1. Os autores que não aceitam essa relação

Com sistemática frequência, o livro do Apocalipse recorre ao Antigo Testamento, estabelecendo vínculos complexos e intensos. Estes estão de tal modo evidenciados que uma linha de investigação, cujo escopo fosse ignorar esta evidência, colocar-se-ia em lugar de pouca relevância.

1.2. Autores que aceitam a relação

a) As diversas compreensões de como se dá a relação

O texto do livro do Apocalipse é considerado pela pesquisa como o texto neotestamentário que mais utiliza os textos veterotestamentários³. Estas relações entre o seu texto e textos antecedentes são tidas como certas no atual momento da investigação científica (VANNI, 2000b). Há, contudo, divergências quanto ao uso que o autor do Apocalipse faz deste material: seria uma citação, uma alusão, uma reminiscência ou um eco?

Os primeiros passos em direção a um trabalho para detectar a presença de citações, reprodução de um texto antigo precedido de uma estrutura introdutória, ou reminiscências, recurso a elementos de um texto antecedente, de textos veterotestamentários nos diversos *corpora* do Novo Testamento, foram

³ As indicações do *Novum Testamentum Graece* apontam para um total de 959 relações entre o Apocalipse e os textos do Antigo Testamento. Cf. NESTLE ALAND, 2001.

abordados no início do século passado por Hühn (1900)⁴ e Dittmar (1903)⁵, abrindo caminho para posteriores estudos mais específicos.

Na opinião de Henry Barclay Swete (1911), as relações entre os textos do Antigo Testamento e o livro do Apocalipse não deveriam ser classificadas como citação formal, pois carecem de fórmulas introdutórias que informam ao leitor a presença de textos antigos dentro de um texto mais moderno. Sendo assim, adota a terminologia “referência”, onde o autor do novo texto recorre a termos ou frases de contextos antigos sem identificá-los. Esta “referência” poderia ser detectada por meio de duas formas. A primeira delas seria o uso isolado de elementos comuns do Antigo Testamento. Por elementos comuns, Swete entende o uso de palavras soltas e frases sem um contexto particular. Este emprego desprovido de formalidades torna-se possível graças à intimidade que o autor sagrado possui com a linguagem e os textos do Antigo Testamento. A segunda forma seria o contexto específico das referências a textos do Antigo Testamento, referências estas combinadas de diferentes contextos, de diferentes livros do Antigo Testamento ou de diferentes seções dentro de um mesmo livro do Antigo Testamento.

O escopo do emprego destas referências textuais estaria voltado para uma teia de imagens, simbolismos e níveis de vocabulário cujo resultado é um “mosaico”, do qual o autor participa, de forma consciente, dominando o material disponível e produzindo uma literatura original⁶, de estilo “simples e natural”⁷.

A liberdade do autor é percebida também por Charles (1920, p. lxxvii-lxxxii), mas as relações textuais estabelecidas pelo autor sagrado não seriam as de referências e sim as de alusões (CHARLES, 1920, p. lxxvi)⁸. Com elas, o leitor

⁴ Hühn, enumerou 453 reminiscências no Apocalipse, destas, 130 pertencem ao livro do profeta Ezequiel. Esta estatística possui um valor relativo porque Hühn reúne todos os textos de Ezequiel sob um único parâmetro, sem distinguir aquelas mais exatas de outras onde o autor sagrado usa expressões comuns a toda a Escritura (peste, fome, guerra). Cf. HÜHN, 1900.

⁵ Dittmar segue uma linha de investigação que prestigia as citações. Por esta razão, encontra poucos exemplares no texto do Apocalipse. Cf. DITTMAR, 1903.

⁶ Por exemplo: Ap 11,18 e Sl 98; Ap 16,16 e Zc 12,11. Cf. SWETE, 1911, p. cliv-clv.

⁷ São exemplos deste modelo: Ap 1,13-16 baseado sobre Ezequiel e Daniel; Ap 4,2-8 sobre Isaías e Ezequiel e Zacarias; Ap 7 sobre Isaías; Ap 16 sobre Êxodo; Ap 18 sobre oráculos proféticos contra Tiro e Babilônia; Ap 21-22 sobre Isaías e Ezequiel. Cf. SWETE, 1911, p. cliii.

⁸ A identificação destas alusões segue o seguinte critério: alusão clara, alusão provável e alusão possível. Alusão clara é a quase identificação do texto com sua fonte do Antigo Testamento; alusão provável quando há pouca aproximação entre os textos, embora apresente ideias presentes no Antigo Testamento ou a estrutura destas; a alusão possível contém uma linguagem similar à da sua fonte, ecoando seus conceitos ou seus escritos. Cf. CHARLES, 1920, p. lxxvi.

seria remetido a textos mais antigos quando estivesse lendo o novo texto. Seu objetivo final seria o de trasladar e adaptar o material do Antigo Testamento para o seu intento teológico. O manejo do material do Antigo Testamento seria, portanto, totalmente independente, proporcionando ao material antigo a aquisição de um novo contexto com a produção de um novo matiz interpretativo.

Albert Vanhoye, que tem como centro da pesquisa as relações entre o Apocalipse e textos veterotestamentários com o livro do profeta Ezequiel, afirma que o autor do Apocalipse toma por empréstimo diversos textos, usando-os com liberalidade (VANHOYE, 1962, p. 436-476)⁹. Sendo delicada a definição de um empréstimo, Vanhoye propõe que esta forma de utilização seja classificada em quatro categorias: *double utilisation*¹⁰, utilização de textos do Antigo Testamento em um novo contexto; unidade da obra do Apocalipse¹¹, que se apresenta de forma sintética em contraposição à tendência da literatura apocalíptica de ampliar e expandir¹²; universalismo, a promessa de salvação agora é um fato para toda a raça humana; e combinação de textos do Antigo Testamento¹³,

⁹ O termo empréstimo é usado por Vanhoye com a finalidade de mostrar a independência do autor do Apocalipse sobre o material do qual dispõe. Com efeito, ele não se escraviza reproduzindo exatamente os textos inspiradores, antes transforma-os e eleva-os, dilata ou restringe temas, imagens ou sentidos segundo o seu escopo teológico.

¹⁰ As *double utilisation* estão presentes em Ap 5,1; 10,8-10 e Ez 2, 8-3,3; Ap 17,4; 18,6 e Jr 51,7; Ap 11,1; 21,10 e Ez 40-48. No primeiro caso, a visão inaugural de Ez 2,8-3,3 insere-se no contexto de visão inaugural de Ap 5,1 onde o visionário de Patmos deve *ouvir*, e o centro da atenção encontra-se no Cordeiro que *assume* o livro, mas em Ap 10,8-10 o sentido aproxima-se mais daquele de Ezequiel, já que o anjo ordena que o livro seja *devorado* pelo autor do livro do Ap, aproximando-se mais de seu contexto original. Cf. VANHOYE, 1962, p. 462-463.

¹¹ A profecia de Ezequiel é rica em desenvolvimentos e descrições minuciosas já o Apocalipse prima pela concisão e precisão como se pode perceber em Ap 4,2; 10,1 e Ez 1,28; Ap 4,2-11 e Ez 1,4-28; Ap 18,9-19 e Ez 26,15-18; 27,2-36; Ap 21,10-27; 22,1-5 e Ez 40-48; Ap 21,22 e Ez 48,15-16.30-35. O Apocalipse torna-se assim, mais sóbrio do que o texto sobre o qual está firmado. Esta estrutura e organização coerente das imagens do Apocalipse oferecem ao livro uma coesa unidade. Cf. VANHOYE, 1962, p. 463-464.

¹² O termo está em plena sintonia com o Antigo Testamento, mas, deve ser entendido com a marca do espírito cristão, que revela o seu cumprimento. O autor sagrado, embora sendo profundamente fiel a linha dos antigos profetas, os supera porque o universalismo, outrora promessa, é agora fato. A Cruz redime toda a raça humana de todas as épocas, de todos os povos. Por exemplo: Ez 3,11 o profeta recebe a ordem de pregar aos exilados; Ap 10,11 a missão é direcionada a todos os povos, línguas, nações e reis. Cf. VANHOYE, 1962, p. 467.

¹³ Uma outra característica do trabalho do autor do Apocalipse é a combinação de várias fontes veterotestamentárias. Uma das ilustrações é a cena do trono em Ap 4 onde encontram-se além dos textos de Ezequiel, textos de Isaías, Êxodo e Daniel. Ap 22 possui esta mesma estrutura, embora o texto de base seja considerado aquele de Ezequiel, é tida por certa a presença de outros textos veterotestamentários como Gn 2,9; Zc 14,8; 14,11. O objetivo do autor neotestamentário parece ser aquele de procurar textos que se completam ou então que se corrigem

onde várias fontes veterotestamentárias são utilizadas simultaneamente para melhor indicar o seu cumprimento.

A fidelidade ao contexto e aos significados dos textos do Antigo Testamento presentes no Apocalipse foi proposta por Schüssler Fiorenza (1985, p. 135) como via de compreensão das relações entre o Antigo Testamento e o Apocalipse. Por consequência, a autora classifica o estilo do autor do Apocalipse como antológico, ou seja, um estilo que reúne sem um critério rígido textos de diversos contextos, tomando os textos do Antigo Testamento sem interpretá-los, apenas recorrendo às suas imagens, frases, bem como à linguagem militar com vistas à sua teologia.

A questão da fidelidade ao contexto do Antigo Testamento, na opinião de Beale (1999, p. 77) é estéril em função do modo como o autor do Apocalipse utiliza o material veterotestamentário, a saber: as citações são de natureza informal¹⁴; o espírito profético do autor do Apocalipse lhe confere autoridade sobre o Antigo Testamento¹⁵; o autor sagrado era hábil na literatura grega pagã, porém seus leitores não dominavam totalmente o contexto das alusões por falta de um conhecimento prévio ou necessidade de uma nova leitura; por fim, não há evidências de que o autor esteja interpretando conscientemente os textos que cita¹⁶.

Na visão de Beale, temos vários níveis de aplicação contextual que oscilam do consciente até o inconsciente¹⁷. Beale entende que as relações entre o Apocalipse e o Antigo Testamento poderiam constituir um midrash de Daniel 2 e 7. Este seria o livro mais influente dentre todos os textos utilizados pelo Apocalipse (BEALE, 1984).

A existência das relações entre Antigo Testamento e Apocalipse foi tratada por Moyise (1995, p. 63) como alusão, isto é, os textos veterotestamentários

mutuamente de maneira que se possa experimentar com maior fidelidade o seu cumprimento. Cf. VANHOYE, 1962, p. 467-468.

¹⁴ As citações informais são entendidas por Beale em sentido antológico, sem critério. Sua aplicação origina um novo pensamento distanciado do contexto inicial, mas permite intercessões. Cf. BEALE, 1999, p. 81.

¹⁵ Na opinião de Beale, o espírito profético dá suporte ao estilo apocalíptico e exclui a necessidade de uma autoridade a ser recorrida como avalista. As citações decorrentes estão, por conseguinte dissociadas de uma interpretação contextual do Antigo Testamento. Cf. BEALE, 1999, p. 81.

¹⁶ É o que Beale depreende das relações entre Ez 43,2 e Ap 1,15; Ez 37,3 e Ap 7,14; Ez 37,10b e Ap 11,11 dentre outros textos. Cf. BEALE, 1999, p. 84-85.

¹⁷ Os níveis de aplicação contextual são: contexto literário, histórico e temático. O autor sagrado pode ter usado um ou mais contextos. Para Beale, a maior incidência se deu no literário e temático, raramente encontraríamos uma aplicação contextual de nível histórico. Cf. BEALE, 1999, p. 85-86.

teriam sido incorporados ao novo texto. Esta integração se daria de tal forma que o texto mais antigo estaria em diálogo com o novo texto e nele encontraria um novo significado, transformando o último livro do Novo Testamento em uma obra ímpar. Nele, textos estariam em contínuo diálogo de maneira que, ao estar em contato com o texto produzido pelo autor do Apocalipse, seria necessário possuir memória dos textos veterotestamentários para bem compreender o texto atual. Este diálogo entre textos, proposto por Moyise, atenuaria a questão do contexto dos textos do Antigo Testamento presentes no âmbito do Novo Testamento, pois considera que o autor sagrado construiu uma ponte entre os dois contextos, dando origem a uma interação que perpassa todo o livro.

A classificação das relações entre os textos como adaptações foi sugerida por Fekkes (1994, p. 286-290). Assim, não haveria oposição entre o estilo profético e a atividade exegética do autor do Apocalipse, posto que seu estilo antológico não é contextualizar com absoluta fidelidade o texto antigo, mas adaptá-lo. Tal procedimento, assinala Hays (1989), não seria uma exclusividade do último livro do Novo Testamento. Os autores do Evangelho de Mateus, de Paulo e da Carta aos Hebreus de igual maneira teriam modificado textos do Antigo Testamento para uma nova situação no Novo Testamento, visando mostrar o cumprimento destes, tendo consciência do contexto original deles.

Em síntese:

As teses propostas para responder à questão sobre a presença de textos veterotestamentários no último livro do Novo Testamento concordam em dois pontos: a inexistência de uma citação formal no Apocalipse e a liberdade do autor ao manipular o material segundo o seu escopo teológico.

Encontram-se divergências, porém, quanto à definição a ser dada ao meio para realizar esta utilização de textos. Hühn e Dittmar classificam os textos veterotestamentários presentes no Apocalipse como citações ou reminiscências; Swete, referências; Charles, alusões; Vanhoye, *doublé utilisation*, unidade da obra, universalismo e combinação de textos; Schüssler Fiorenza, fidelidade ao contexto e ao significado do texto antecedente; Beale, midrash; Moyise, alusões; Fekkes e Hays, adaptação. Este elenco variado se deve à ausência de uma definição clara, capaz de precisar o que é uma alusão, uma citação, um midrash ou uma reminiscência (PAULIEN, 1988, p. 37-53).

O contexto dos textos veterotestamentários, de igual modo, traria oscilações entre os pesquisadores, pois para uns o contexto do Antigo Testamento

teria sido observado, não havendo interpretação destes, conforme Fiorenza; para outros, o texto veterotestamentário teria sido interpretado, logo não haveria fidelidade contextual, segundo Moyise; outros ainda preferem dizer que o autor oscila entre a consciência e a inconsciência ao recorrer a um texto veterotestamentário, pensamento proposto por Beale.

Poder-se-ia dizer que os dois principais polos da pesquisa possuem valores, posto que, em alguns textos, o autor sagrado mantém o contexto original dos textos utilizados enquanto em outros executa seu trabalho com liberdade modificando seu contexto e significado. As questões de fundo seriam: por que o autor sagrado assim se comporta? O que desejaria ele provocar no seu leitor ao compor este tipo de texto?

A tese de Moyise sobre um diálogo entre textos, que gera uma nova compreensão de temas, símbolos e contextos, parece possuir uma abertura para detectar as diversas nuances do processo criacional do autor do Apocalipse. Esta, de fato, estaria em sintonia com a liberdade do autor sempre destacada na maior parte das pesquisas.

b) As teses acerca do tipo de texto que terá sido utilizado

Tendo como ponto de convergência entre os pesquisadores o uso de textos vétero-testamentários no livro do Apocalipse, impõe-se o problema do tipo de texto utilizado pelo autor sagrado: teria ele recorrido ao Texto Hebraico ou a LXX? Sua identificação não parece, contudo, de fácil solução em decorrência do estilo do autor. De fato, este opta por uma metodologia nem sempre clara para empregar os textos veterotestamentários.

A pesquisa de Swete indica que o autor do livro do Apocalipse utilizou a versão da LXX e mantém com esta uma relação de dependência (SWETE, 1911, p. cliv-clv)¹⁸. Embora não descarte o conhecimento da língua hebraica pelo autor neotestamentário, é cético sobre o uso direto do Texto Hebraico.

Na visão de Charles, entretanto, o texto do Apocalipse estaria baseado diretamente no Texto Hebraico do Antigo Testamento, mas com mostras de uma evidente influência da LXX, consequência de uma versão grega posterior dos textos do Antigo Testamento¹⁹.

¹⁸ No início do século passado, Swete apresentou uma minuciosa tabela de textos com 278, de um total de 404, versículos ou frases do Apocalipse que possuem contatos com os textos vétero-testamentários bastante próximos dos textos gregos concluindo que estes seriam sua fonte.

¹⁹ Charles (1920, p. lxxviii-lxxxii) segue de perto o pensamento de J. Gwynn concordando com a existência de um *Ur-Teodocião* e negando a presença da LXX referindo-se ao Antigo Testamento

Segundo Charles, o autor sagrado teria realizado algumas traduções do Texto Hebraico²⁰, o que justificaria a presença de solecismos e hebraísmos²¹ no texto neotestamentário. Charles compreende os casos de solecismos como originados no fato do autor do Apocalipse pensar em hebraico e escrever em grego e por ser ele mesmo o responsável pelas traduções de suas fontes, que estavam em seu original no hebraico, dificultando, assim, o seu trabalho com a nova língua. Já no caso de hebraísmo, Charles destaca a necessidade de identificar como a LXX recebeu a tradução do Texto Hebraico e qual o seu significado nas línguas modernas (CHARLES, 1920, p. cxliv-cxlviiii)²². Em função destes hebraísmos, muitas traduções deficientes teriam sido feitas desde o segundo século até os nossos dias.

A questão do tipo de texto utilizado também foi o centro da atenção de Vanhoye. Este, porém, dedica especial atenção ao texto de Ezequiel, pois das sessenta e quatro vezes que o texto é citado no Novo Testamento, quarenta e quatro estão no Apocalipse (VANHOYE, 1962, p. 436).

Vanhoye considera a pesquisa de Swete carente de um estudo das demais traduções gregas, assim como de um confronto com o Texto Massorético (VANHOYE, 1962, p. 443)²³. Para Vanhoye, Swete trabalha com uma grande familiaridade com as versões gregas do Antigo Testamento, mais do que numa comparação atenta com o Texto Massorético²⁴. Em um outro extremo

nos seguintes textos: Ap 1,17 e Is 48,12; Ap 3,7 e Is 22, 3.9c e Is 60,14; Ap 15,3-4 e Jer 10,7; Ap 1,6; 5,10 e Ex 19,6. Sobre o Ur-Teodociação cf. GWYNN, J., 1877-1887; HARL, M; DORIVAL, G; MUNNICH, O., 1994; JELICOE, 1968; JELICOE, 1974; TOV, 1986; SCHMIDT, 1991.

²⁰ Na introdução de seu comentário Charles oferece uma *Short Grammar of the Apocalypse*. Trabalho minucioso que indica onde encontrar as traduções realizadas pelo autor do Apocalipse.

²¹ A presença de solecismos já havia sido detectada por Dionísio de Alexandria que considerou a existência dos textos do Antigo Testamento no texto grego do Apocalipse como inexatidão, barbarismos e solecismos. Cf. Eusebius (1998). Beale (1999, p. 103-105) estabelece uma criteriosa distinção entre “semitismo” e “hebraísmo”. Vale destacar que os solecismos oferecem ao texto uma fisionomia única, um estilo inimitável. Uma pesquisa bastante apurada sobre o tema pode ser encontrada em Robertson (1914). Contreras Molina (1991, p. 17-18) propõe que o autor sagrado tem a nítida intenção de escrever empregando os solecismos, barbarismos e hebraísmos, pois teria em vista a sua mensagem teológica. Também o manejo dos tempos verbais, presente, passado e futuro, estariam em função desta mensagem e de realçar o simbolismo empregado. Sua finalidade seria o desligar-se do determinismo do tempo e implantar um tempo “metahistórico”, um tempo, que distante do tempo histórico, atinge todo o tempo.

²² Obviamente Charles não se preocupa com a totalidade das línguas modernas, antes com a sua língua pátria: The Greek text needs at times to be translated into Hebrew in order to discover its meaning and render it correctly in English. Cf. CHARLES, 1920, p. cxliv-cxlviiii.

²³ Vanhoye não segue o pensamento de Swete que entende ser o texto do Apocalipse um trabalho parafraseado do texto da LXX. Cf. VANHOYE, 1962, p. 443.

²⁴ Nesta linha de pensamento encontra-se o comentário de Lucien Cerfaux e Jules Cambier.

da pesquisa estaria Charles, que aceitaria a utilização do Texto Hebraico sem cogitar a versão grega da LXX.

Tendo como objetivo uma melhor identificação do texto usado, Vanhoye, em um primeiro momento, apresenta um estudo de textos que indicariam uma aproximação com a LXX, e outros com os Textos Massoréticos (VANHOYE, 1962, p. 445-448)²⁵. O texto de Ap 18,21 é considerado a citação mais exata e nele estaria ausente a versão da LXX. Em um segundo momento, examina a presença de alguns textos de Ezequiel no Apocalipse sob o título de “*citations exactes*” (VANHOYE, 1962, p. 448-449)²⁶ ou “*citations presque exactes*” (VANHOYE, 1962, p. 449-450)²⁷.

Na visão de L. P. Trudinger, existem afinidades com as versões gregas, das quais decorreriam algumas referências ao Antigo Testamento, mas ele atenua a importância desta evidência pondo em debate uma tradução direta de um texto aramaico para algumas seções de Daniel sem distanciar-se da presença do Texto Hebraico (TRUDINGER, 1966, p. 82-86)²⁸. Investiga ainda o uso de textos do Targum no Apocalipse²⁹, evidenciando o conhecimento destas obras pelo autor sagrado como também o seu emprego³⁰.

Segundo este estudo, o autor do Apocalipse teria tido acesso a um texto grego da versão da LXX. “Nous nous sommes persuadés que S. Jean lisait un texte grec voisin de celui des LXX; c’est pourquoi nous avons traduit régulièrement le texte grec de l’Ancien Testament plutôt que le texte hébreu; les exceptions seront indiquées”. Cf. CERFAUX, L., et CAMBIER, J., *L’Apocalypse de S. Jean lue aux chrétiens*, 7.

²⁵ Textos que se inclinarão para uma utilização do texto da LXX: Ap 1,13 e Ez 9,11; Ap 2,7 e Ez 31,9; Ap 6,8 e Ez 5,12; Ap 9,21 e Ez 43,9; Ap 10,9 e Ez 2,8; 3,3; Ap 11,11 e Ez 37,5.10; Ap 11,13 e Ez 38,19-23; Ap 22,1-2 e Ez 47,1-12. Textos que possuem maior aproximação com o Texto Massorético: Ap 1,15 e Ez 43,2; Ap 4,7 e Ez 10,14; Ap 18,1 e Ez 43,2; Ap 18,18 e Ez 27,32; Ap 18,9.11.15.19 e Ez 27,31b; Ap 18,21 e Ez 26,21; Ap 22, 2 e Ez 47,12. Cf. VANHOYE, 1962, p. 445-448.

²⁶ As “*citations exactes*” tem por característica a concordância entre um texto da LXX e o Texto Massorético. Por exemplo: Ap 10,10 e Ez 3,3. Cf. VANHOYE, 1962, p. 448-449.

²⁷ No caso das “*citations presque exactes*”, a influência da LXX parece mais acentuada: Ap 7,14 e Ez 37,3; Ap 11,11 e Ez 37,10; Ap 18,19 e Ez 27,30; Ap 18,21 e Ez 26,21. Cf. VANHOYE, 1962, p. 449-450.

²⁸ Cf. TRUDINGER, L. P., *The Text of the Old Testament in the Book of Revelation*. ThD Dissertação, Boston University, 1963. Um sumário desta obra pode ser encontrado em: “Some Observations Concerning the Text of the Old Testament in the book of Revelation”, *JTS* 17 (1966) 82-88.

²⁹ Segundo Trudinger, o uso do Targum explicaria melhor texto como Ap 1,4 que, além de Ez 3,14 e da LXX, teriam recorrido ao Targum Deut 32,39. Mais à frente em Ap 18,22 ligado a LXX e ao Texto Massorético de Ez 26,13 a expressão “harpas” vincular-se-ia ao próprio instrumento, já no Targum se explicita a ação sofrida pelo instrumento “jogando as suas harpas”. Um outro exemplo está em Ap 21,3 onde nem o texto da LXX nem o Texto Massorético de Ez 37,27 explicam de maneira contundente o uso que o autor sagrado faz deste texto. A melhor solução seria um recurso ao Targum ou a Lv 26,12. Cf. TRUDINGER, L. P., *The Text of the Old Testament in the Book of Revelation*, 122.

³⁰ Smalley entende que o autor sagrado pertence à sociedade greco-romana, portanto, teve acesso

O reconhecimento de algumas referências ao Antigo Testamento na versão da LXX explicaria a procedência das divergências existentes no texto neotestamentário. Assim, inclinar-se-ia para uma mostra da pouca afinidade entre o autor sagrado e o texto grego. Esta pouca afinidade poderia indicar uma independência com relação a LXX nos textos de Ezequiel e Daniel, posto que não se encontram citações deste material, antes palavras elaboradas pelo autor sagrado.

A retomada do caminho de uma análise restrita ao Texto Hebraico e sua versão grega da LXX foi percorrido por Gangemi (1974, p. 311-339). Este classificaria a utilização do Texto Hebraico ou da LXX como “*ad litteram*”³¹: textos que mencionariam claramente o Texto Hebraico, “*quasi ad litteram*”³²: textos que não possuem a mesma clareza e aqueles *utilizados com sentido*: escassos de uma precisão dos elementos literários utilizados. Haveria, contudo, uma certa probabilidade da utilização do Texto Hebraico, embora não sejam raros os elementos para propor a utilização da LXX.

Prosseguindo na linha de dilatação de textos que teriam influenciado o texto do Apocalipse temos Gregory K. Beale (1984). O autor propõe, para o caso específico do uso do texto de Daniel, o aramaico³³, além da presença da literatura Qumrânica sobre Daniel, da apocalíptica judaica de 1 Enoc, Testamento de Josefo, 4 Esdras e 2 Baruc. Com relação ao uso da Bíblia Grega nas citações de Daniel no Apocalipse, o autor inclinar-se-ia para o emprego do texto de Teodocião em detrimento da LXX (BEALE, 1986, p. 539-543).

Distanciando-se das teses antecedentes temos Moyise. Este recorre ao estilo particular do autor do Apocalipse, que não usa citações diretas, mas preserva sua estrutura textual, a linguagem e o vocabulário do Antigo Testamento para demonstrar que o autor sagrado recorreu tanto à fonte grega como à semita. Uma dependência exclusiva pareceria pouco provável. Seria possível, todavia, que textos tivessem sido interligados com vistas a uma finalidade

tanto às ideias proto-gnósticas e textos mágicos, quer oriundos do judaísmo ou do universo greco-romano. Presume ainda, que o autor possuía familiaridade com a literatura clássica. Cf. SMALLEY, 2005, p 8-9.

³¹ Textos citados *ad litteram*: Ap 1,17; 2,8 e 22,13 estariam relacionados com Is 41,4; 44,6 e 48,12. Os dois últimos textos na visão de Gangemi, se correspondem perfeitamente do ponto de vista literário contendo acentos também sobre a teologia. O primeiro embora possua diversidade quanto às expressões possui afinidades quanto ao conteúdo. Cf. GANGEMI, 1974, p. 114.

³² Textos *quasi ad litteram*: Ap 1,16 e Is 49,2; Ap 7,16 e Is 49,10; Ap 14,3 e Is 42,10; Ap 21,10 e Is 52,1; Ap 21,5 e Is 43,19. Cf. GANGEMI, 1974, p. 115.

³³ A tese do uso de um texto aramaico pode ser encontrada também em Jean-Pierre Ruiz. Cf. RUIZ, 1989.

teológica (MOYISE, 1995, p. 108-138). A este ato de interligar textos, Moyise denomina intertextualidade³⁴.

A intertextualidade, na pesquisa de Mario Cimoso, é vista como um instrumento que corroboraria a presença de textos da LXX no texto do Apocalipse, quando este pode ser verossimilmente demonstrado (CIMOSA, 2005, p. 66). Sua hipótese estaria sustentada nos estudos dos Padres da Igreja e também em estudos contemporâneos que vêem na LXX algo mais que uma simples versão, considerando-a uma etapa do progresso linguístico da Revelação que terá seu ápice no Novo Testamento.

Em síntese:

A trajetória da pesquisa sobre o tipo de texto a que recorre o autor do Apocalipse poderia ser apresentada em três momentos distintos. O primeiro é aquele de polarização: ou o autor tomou o Texto Hebraico (Charles) ou a LXX (Swete). A presença do Texto Hebraico justificaria os solecismos e hebraísmos presentes no texto, pois o autor estaria pensando em hebraico e escrevendo em grego. Esta ocorrência hoje é facilmente explicada e compreendida como um recurso do próprio autor sagrado para dar ênfase ao seu escopo teológico. Quanto a LXX, teria apenas um valor secundário.

Os textos analisados são considerados por Vanhoye como incapazes de testemunharem totalmente a favor da LXX, embora não possuam elementos para uma total negação de uma dependência desta. De fato, ele constatou que elas reproduzem também o Texto Hebraico sob o aspecto de dependência vocabular. No entanto, quando se examinam as reminiscências, encontram-se constantes divergências da tradução da LXX, e estas fazem pensar em modificações intencionais. Logo, o autor do Apocalipse não reproduz exatamente o texto que utiliza, não se torna escravo diante dos textos sobre os quais se inspira. Antes, quando utiliza um texto, o faz com criatividade, adaptando o material do qual se apropria (VANHOYE, 1962, p. 460)³⁵.

Vanhoye segue as pesquisas anteriores, mas considera a presença do Texto Hebraico sem excluir totalmente a LXX. A ausência de citações formais e a liberdade com que se desloca o autor do Apocalipse geraria a dificuldade

³⁴ Não entraremos em detalhes sobre a nomenclatura “intertextualidade” neste momento. Este ponto, conforme indicado na introdução deste artigo, pertence à terceira etapa desta aproximação ao Status quaestionis na pesquisa atual sobre o Apocalipse.

³⁵ «En résumé, il nous apparaît qu’aucun des indices invoqués en faveur d’une utilisation du texte grec d’Ézéchiel ne s’impose de façon incontestable». Cf. VANHOYE, 1962, p. 460.

na precisão de uma ou outra tradição textual. A opção dentre elas estaria vinculada à necessidade teológica do autor, que, conhecendo bem as tradições e a elas recorrendo, mantém suas estruturas ou as subordina segundo a sua intenção autoral. Deste modo, alguns textos tenderiam para o Texto Hebraico enquanto outros para a LXX.

Na opinião de Vanhoye, a questão resulta de difícil solução, uma vez que o autor do Apocalipse não apresenta citações formais, além do fato deste modificar com liberdade os textos utilizados ou de combiná-los com outros textos impedindo uma precisão na identificação da fonte. Deste modo, um texto evocado como argumento favorável à presença da LXX pode também servir como objeção.

Gangemi partilha da tese de intenção do autor, mas tende para o Texto Hebraico, sem, contudo, invalidar a LXX.

Em um segundo momento, encontram-se as teses de Trudinger e Beale, que propõem a abertura para a análise de outros textos que exerceriam influência sobre o texto do Apocalipse, tais como o texto aramaico de Daniel, os Targumim, a literatura Qumrânica, a apocalíptica judaica, dentre outros. A respeito do texto grego, entendem que teria sua origem no texto de Teodocão e não na LXX.

No terceiro momento, encontra-se a tese de Moyise. Este abordaria a questão do recurso ao Texto Hebraico ou a LXX, como um emprego segundo a necessidade do autor. Cada livro do Antigo Testamento presente no Apocalipse sofreu uma intervenção diferente em função do escopo teológico do autor sagrado. A metodologia intertextual proposta por Moyise, como também a literária, levam o autor a inclinar-se, contudo, para o texto grego.

Entretanto, esta preferência pelo texto grego não seria uma novidade. Esta hipótese remonta aos Padres da Igreja, que viam na versão da LXX um progresso na linguagem da revelação bíblica que terá o seu auge no Novo Testamento e no uso que alguns autores farão da Bíblia Grega, que é, em última instância, o texto do Antigo Testamento utilizado.

Referências

- ARCARI, L. “Apocalisse di Giovanni e apocalittica ‘danielico-storica’ del I sec. e V: prospettive per una “nuova” ipotesi”, *Vetera Christianorum* 39, (2002), p. 115-132.
- BARRETT, C. K. “The Interpretation of the Old Testament in the New.” In *Cambridge History of the Bible*, I. Ackroyd, P. - Evans, C. (ed.), Cambridge, Cambridge University Press, 1970, p. 372-411.

- BEALE, G. K. "A Reconsideration of the Text of Daniel in the Apocalypse", *Biblica* 67 (1986), p. 539-543.
- _____. *The Book of Revelation*. Eerdmans Publishing Company, 1999, p. 77.
- _____. *The Right Doctrine from the Wrong Texts? Essays on the Use of the Old Testament in the New*. Grand Rapids, Baker Books, 1994; "The Use of the Old Testament in Revelation". In *It Is Written: Scripture Citing Scripture*. Carson-Williamson (ed.), p. 318-336.
- _____. *The Use of Daniel in Jewish Apocalyptic Literature and in the Revelation of St. John*. Lanham, University Press of America, 1984.
- BRATCHER, R. G. *The Old Testament Quotations in the New Testament*. London, United Bible Societies, 1987; BRAUN, H., "Das Alten Testament im Neuen Testament", *ZTK* 59 (1962) 16-31.
- BRAWLEY, R. L. "Contextuality, Intertextuality, and the Hendiadic Relationship of Promise and Law in Galatians", *ZNW* (2002) 99-119; BRUCE, F. F., *The New Testament Development of Old Testament Themes*. Grand Rapids. William B. Eerdmans, 1968.
- BRIGGS, R. A. *Jewish Temple Imagery in the Book of Revelation*. New York, 1999.
- CHARLES, R. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, I, Edinburgh, T&T Clark, 1920, p. lxxviii-lxxxii.
- CIMOSA, M. "L' autore dell' Apocalisse ha usato la Bibbia Greca?" 63-94. In Bosetti, E., & Colacrai, *Apokalipsis. Percorsi nell' Apocalisse di Giovanni*. Assisi, Cittadella Editrice, 2005, p. 66.
- COLLINS, A. Y., *The Combat Myth in the Book of Revelation*. Missoula, Montana, Scholars Press, 1976.
- _____. "The History-of-Religions Approach to Apocalypticism and the "Angel of the Waters" (Rev 16,4-7)" *CBQ* 39 (1977), p. 367-381.
- _____. "The Book of Revelation". *The Encyclopedia of Apocalypticism*. In J. J. Collins (ed.). New York, Continuum, 1998, p. 391-392.
- CONTRERAS MOLINA, F. *El Señor de la vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*. Salamanca, Sigueme, 1991, p. 17-18.
- CORSANI, B. *L' Apocalisse e l'apocalittica del Nuovo Testamento*. Bologna, EDB, 1997.
- COURT, J. M. *The Book of Revelation and the Johannine Apocalyptic tradition*. JSNT Suppl. 190. Sheffield, Sheffield Academic Press, 2000.
- DALY-DENTON, M. *David in the Fourth Gospel. The Johannine Reception of the Psalms*. Leiden, Brill, 2000.
- DEELEY, M. "Ezekiel's Shepherd and John's Jesus. A case Study in the Appropriation of Biblical Texts". In *Early Christian Interpretation of the Scriptures of Israel. Investigations and Proposals*. Evans, C. A. – Sanders, J. A. (ed.). JSNTSup. 148. Sheffield, Sheffield Academic Press, 1997, p. 252-265.
- DITTMAR, W. *Vetus Testamentum in Novo*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1903.

- EUSEBIUS. *Ecclesiastical History*, 7.25. Hendrickson Publishers, 1998.
- EFIRD, J. (ed.). *The Use of the Old Testament in the New and Other Essays: Studies in Honor of William Franklin Stinespring*. Durham, Duke University Press, 1972.
- FEKKES, J. *Isaiah and Prophetic Traditions in the Book of Revelation: Visionary Antecedents and Their Development*. Journal for the Study of the New Testament Supplement 93. Sheffield, Sheffield Academic Press, 1994, p. 286-290.
- FERRELL, J. *The Old Testament in the Book of Revelation*. Michigan, Baker Book House, 1972.
- GANGEMI, A. “L'utilizzazione del Deutero-Isaia nell' Apocalisse di Giovanni” (2ª parte), *Euntes Docete* 27 (1974), p. 311-339.
- GWYNN, J. “Theodotion”. In *A Dictionary of Christian Biography*. William Smith & Henry Ware (ed.). London, John Murray, 1877-1887, 4: 970-979.
- HANSON, A. T. “John’s Use of Scripture” in *The Gospel and the Scriptures of Israel*. Evans, C. A., - Sanders, J. A., (ed.). JSNTSup. 104. Sheffield, Sheffield Academic Press, 1994, p. 358-379.
- HARL, M; DORIVAL, G; MUNNICH, O. *La Bible grecque des Septante*. Paris, Edition du Cerf, 1994; Disponível em : <<http://arts-sciences.cua.edu/ecs/jdk/LXX/index.htm>> Acesso em 10 dez. 2014.
- HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*. Yale, Yale University Press, 1989.
- HÜHN, E. *Die Alttestamentlichen Citate und Reminiscenzen im Neuen Testament*. Tübingen, J. C. B. Mohr, 1900.
- HURTADO, L. W. “Revelation 4-5 in the Light of Jewish Apocalyptic Analogies”, *JSNT* 25 (1985) 105-124.
- JELLICOE, S. *The Septuagint and Modern Study*. Oxford, Oxford Press, 1968.
- _____. *Studies in the Septuagint: Origins, Recensions, and Interpretations: Selected Essays with a Prolegomenon*. New York, Ktav, 1974.
- KEESMAAT, S. C. “Exodus and the Intertextual Transformation of Tradition in Romans 8, 14-30”, *JSNT* 54 (1994), p. 29-56.
- LAMBRECHT, J. “The Book of Revelation and Apocalyptic in the New Testament”, *ETL* 55 (1979), p. 391-397.
- LINDARS, B. “The Place of the Old Testament in the Formation of New Testament Theology”, *NewTestStud.* 23 (1976-7), p. 59-78.
- MORITZ, T. *A Profound Mystery: The use of the Old Testament in Ephesians*. Leiden, E. J. Brill, 1996.
- MOYISE, S. “The Language of the Old Testament in the Apocalypse” *JournStudNT* 76 (1999), p. 97-113.
- _____. *The Old Testament in the New*. London, Continnum, 2001.
- _____. *The Old Testament in the Book of Revelation*. JSNTSup, 115. Sheffield, Sheffield Academic Press, 1995, p. 63.
- NESTLE ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27ª Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 2001.

- NOBILE, M. "La "Nuova Gerusalemme" in un documento di Qumran e in Apocalisse 21. Genesi di una teologia." In *Atti del VI Simposio di Efeso su S. Giovanni Apostolo*. Padovese, L. (ed.). Roma, Pontificio Ateneo Antonianum, 1996.
- OESCH, J. "Intertextuelle Untersuchungen zum Bezug von Offg 21,1-22,5 auf alttestamentliche Prätexte", *ProtoBib* 8 (1999), p. 41-74.
- PAULIEN, J. "Elusive Allusions: The Problematic Use of the Old Testament in Revelation", *Biblical Research* 33 (1988), p. 37-53.
- POPKES, W. "James and scripture: an exercise in intertextuality", *NewTestStud* 45 (1999), p. 213-229.
- PORTER, S. E. "The Use of the Old Testament in the New Testament. A Brief Comment on Method and Terminology." In *Early Christian Interpretation of the Scriptures of Israel. Investigations and Proposals*. Evans, C. A. – Sanders, J. A. (ed.), JSNTSup 148, 1997.
- ROBERTSON, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament the Light of Historical Research*. New York, 1914.
- ROSSO U. L. "Dalla "Nuova Gerusalemme" alla "Gerusalemme Celeste". Contributo per la comprensione dell'Apocalittica", *Henoch* 8 (1981) 69-80.
- ROWLAND, C. "The Visions of God in Apocalyptic Literature" *JSJ* 10 (1979), p. 137-154.
- RUIZ, J.-P. *Ezekiel in the Apocalypse: The Transformation of Prophetic Language in Revelation 16,17-19,10*. Frankfurt am Main, Bern, New York, Paris, Peter Lang, 1989.
- SCHMIDT, D. "Semitisms and Septuagintalisms in the Book of Revelation", *NewTestStud* 37 (1991), p. 592-603;
- SCHUCHARD, B. G. *Scripture Within Scripture: The Interrelationship of Form and Function in the Explicit Old Testament Citations in the Gospel of John*. Atlanta, Scholars Press, 1992.
- SCHÜSSLER FIORENZA, E. "Apocalyptic and Gnosis in the Book of Revelation and Paul", *JBL* 92 (1973), p. 565-581.
- _____. *The Book of Revelation: Justice and Judgment*. Philadelphia, Fortress, 1985, p. 135.
- SMALLEY, S. S. *The Revelation to John*. London, InterVarsity Press, 2005, p. 8-9.
- SMITH, C. "The Structure of the Book of Revelation in Light of Apocalyptic Literary Conventions", *Novum Testamentum* 36 (1994), p. 373-393.
- STENDAHL, K. *The School of St. Matthew and its Use of the Old Testament*. Philadelphia, Fortress Press, 1968.
- SWETE, H. B. *The Apocalypse of St. John*, London, 1911.
- TOV, E. "Jewish Greek Scriptures" in *Early Judaism and Its Modern Interpreters*. Robert A. Kraft & George W. E. Nickelsburg (ed.). Philadelphia, Atlanta Scholars Press, 1986.

- TRUDINGER, L. P. *The Text of the Old Testament in the Book of Revelation*. ThD Dissertação, Boston University, 1963. Um sumário desta obra pode ser encontrado em: “Some Observations Concerning the Text of the Old Testament in the book of Revelation”, *JTS* 17 (1966), p. 82-88.
- VANHOYE, A. “L’ utilisation du livre d’ Ézéchiél dans l’ Apocalypse”, *Biblica* 43 (1962)”, p. 436-476.
- _____. *Old Testament Priests and the New Testament*. Petersham, St Bede’s, 1986.
- VANNI, U. “L’ Apocalisse di Giovanni tra apocalittica giudaica e apocalittica cristiana.” In *Apocalittica e liturgia del compimento*. Terrin, A. N., Padova, 2000a, p. 283-309.
- _____. *Apocalisse e Antico Testamento. Una Sinossi*. Roma, Pontificio Istituto Biblico, 2000b.